

## A História e as Vivências das Caldas de S. Lourenço, Concelho de Carrazeda de Ansiães

Nelson Tito Almeida Domingos<sup>1</sup>

**Resumo:** A localidade de S. Lourenço é indissociável do brotamento de uma nascente de água com propriedades minerais benéficas para a saúde e bem-estar. Foi este o motivo que levou ao investimento no espaço circundante desta nascente, através da construção de edificações que asseguraram bens e serviços para satisfazer os diferentes indivíduos que se deslocavam às Caldas. Durante séculos são reconhecidos os efeitos benéficos destas águas, que contribuíram para a formação de uma localidade que foi paulatinamente decaindo até ficar ao abandono. Sem esquecer os esforços por parte da autarquia local em dar continuidade ao funcionamento das Caldas, ao promover novos projetos e efetuar várias intervenções para tentar reabilitar a localidade.

### 1. Introdução

As Caldas de S. Lourenço, cuja localidade contém o mesmo nome (Fig. 1 e 2), localizam-se nas proximidades da margem esquerda do rio Tua, na freguesia de Pombal, a noroeste da sede de concelho, Carrazeda de Ansiães, cujo distrito é Bragança.

Encontram-se no centro da aldeia, rodeadas por colinas abruptas com encostas muito íngremes, envolvidas pela paisagem do Vale do Tua, contendo uma vasta fauna e flora, com alguns exemplares autóctones e muito característicos do Parque Natural Regional do Vale do Tua.

O acesso faz-se a partir da aldeia de Pombal, através da Estrada Municipal 628, com morada em Caldas de S. Lourenço, Lugar de São Lourenço n.º 1, 5140-223 Pombal. A época termal vai de junho a setembro, os contactos podem ser via telefone: 278 669 041 e via *email*: caldaslourenco@cmca.pt.

A exploração está a cargo da Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães, cujo responsável é o Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal João Manuel dos Santos Lopes Gonçalves, o Diretor Clínico é o Dr. António Jorge Santos Silva e o Diretor Técnico o Eng.º Joaquim Ferreira Guedes.

Além da bibliografia existente, para este artigo foi tido em conta o testemunho de um conjunto de quatro indivíduos que viveram, ou frequentaram a localidade e as termas de S. Lourenço. Foram registados dois testemunhos em suporte de vídeo, conduzidas entrevistas a Flora do Sacramento de Carvalho Teixeira (F. T.)<sup>2</sup> e João Albino Malheiro (J. M.)<sup>3</sup>, assim como dois testemunhos orais através de entrevistas a Carlos Manuel Fernandes (C. F.)<sup>4</sup> e Maria Emília Fonseca Ribeiro (M. R.)<sup>5</sup>.

1. Técnico Superior de Turismo do Município de Carrazeda de Ansiães, com licenciatura em Turismo e uma especialização em História da Arte, Património e Turismo Cultural. *email*: tito@cmca.pt / Telemóvel: 915 729 938

2. Natural de Pombal de Ansiães, nasceu em 1930, frequentou as termas com a família durante tenra idade.

3. Natural de Pombal de Ansiães, nasceu em 1953, viveu e cresceu em S. Lourenço, devido à sua mãe ter negócios nesta localidade. Deixou de frequentar o local em 2020, quando vendeu as casas de que era proprietário.

4. Natural de Pombal de Ansiães, nasceu em 1948, foi presidente da Associação para o Desenvolvimento das Caldas de São Lourenço entre junho de 1993 e março de 1998.

5. Natural de Pombal de Ansiães, nasceu em 1955, foi presidente da Associação para o Desenvolvimento das Caldas de São Lourenço entre 1998-2000.



Fig. 1 Caldas de S. Lourenço

Com este artigo não se pretende criticar ou descreditar alguns autores que, por lapso, ou por falta de outras fontes, poderão não ter sido tão assertivos, no entanto, fizeram o seu melhor com a documentação da época e a informação disponível. Este artigo pretende conjugar todos os dados, analisar e tentar comprovar no local o que está escrito, através de testemunhos e das provas existentes. Para que se possam dissipar todas as dúvidas e informações contraditórias que se encontram em alguns autores, procura-se assim obter uma linha orientadora e a mais correta possível da história deste local.

## 2. Águas Minerais Naturais

São águas que, desde a Antiguidade, foram utilizadas devido ao seu valor curativo e social, em especial pelos Gregos e Romanos, dos quais o aproveitamento foi reconhecido através das várias estruturas da época, cujos vestígios ainda perduram no tempo e Portugal não foi exceção, nomeadamente pela ocupação romana.

Durante vários séculos, as elites nacionais frequentaram as termas não só como um bem de saúde mas também de lazer e de sociabilização. Segundo Medeiros, L., Cavaco, C. (2008), “*no século XVIII, Diderot lembrava que as águas mais distantes são as mais preferidas, já que o mais importante é a viagem e não o recurso às mesmas com vista a curas*”.

Provavelmente, nos finais do século XVIII e durante os séculos XIX e XX, as termas de S. Lourenço despertaram um forte interesse no seio das elites locais, como se pode constatar na datação e nos nomes de famílias que ainda se encontram em algumas casas em S. Lourenço (Fig. 3). O senhor J. M., confirma que “*no início eram famílias ricas que tinham as casas, depois começaram a sair e arrendavam a outros e depois venderam, até que não ficou ninguém, perdeu-se o interesse*”.

Carvalho, P., et al. (2017) confirmam que as edificações correspondem ao século XIX e século XX e eram ocupadas sazonalmente na época balnear para os respetivos tratamentos e bem-estar.



Fig. 2 Localidade de S. Lourenço

Como sugerido por Medeiros, L., Cavaco, C. (2008), no final do século XIX e na primeira metade do século XX, o termalismo nacional começa a entrar em decadência, devido às práticas de outras terapias curativas e ao crescimento do turismo, com destaque para os destinos turísticos de sol e praia.

## 3. Contextualização Histórica

### 3.1. Caldas Velhas

As primeiras referências às caldas de Ansiães encontram-se na *Coreografia Portuguesa* de 1706 do padre António Carvalho da Costa, na qual refere a existência de fontes e uma delas “*que chamão as Caldas, junto ao rio Tua, lança muita agua, & quente cõ cheiro de enxofre, & as pessoas que nella fe lavão, experimetão melhora em seus achaques, principalmente no da sarna*”.

Pode entender-se que no ano de 1706 apenas existia uma nascente de água, sendo que já são consideradas como caldas e reconhecidas as suas características com propriedades curativas. De sa-

liantar que ainda não se denominavam Caldas de S. Lourenço, mas sim Caldas de Ansiães, pois encontravam-se no território da Vila de Ansiães, que manteve o título de Vila até 6 de abril de 1734. Ainda não existia a localidade de S. Lourenço, com os seus “habitantes” ou veraneantes, que só mais tarde começaram a construir as habitações, uma capela e outras estruturas nas proximidades de outra nascente que brotou em 1755.

No livro *Memórias de Ansiães*, uma edição baseada no manuscrito de 1721 de Morais, J., Magalhães, A., relatam que “*no sítio das Caldas lemite do lugar de Pombal, termo desta vila, mea legoa distante delle na sua Ribeira perto do rio Tua naçe hũa grande fonte de agoa com cor, e cheiro de emxofre, que segundo seos efeitos he verdadeiras Caldas e dahi tomou o sítio este nome; (...) se bem não esta com a capacidade de que he digna pela pouca curiosidade dos moradores daquela terra*”.

Passados quinze anos, o espaço não teve nenhuma alteração significativa, pois os autores descrevem



Fig. 3 Inscricão da Família Meneses



Fig. 4 Vestígios das Caldas Velhas



Fig. 5 Pedra tampão do tanque das Caldas Velhas

o local da nascente como sendo um espaço mal aproveitado e pouco explorado.

Conforme Francisco Henriques da Fonseca, no ano de 1726, o padre Antônio de Seixas mandou construir um tanque para aproveitar as águas da fonte, pois escorriam livremente pelo vale em direção ao rio Tua. O tanque é descrito como “(...) *humilde e de pedra tosca, no qual se tomam banhos em todo o tempo do ano (...)*”.

Estas referências da nascente em 1706, 1721 e da construção de um tanque em 1726 estão a descrever o local das primeiras termas, as chamadas Caldas Velhas, que ficam afastadas das atuais termas, a sudoeste da aldeia. Quem confirma este facto é o Sr. J. M., numa visita ao local em 28 de abril de 2021, “*ao pé da fraga tem uma nascente de água quente igual às de S. Lourenço com um tanque antigo, chamavam-lhe as Caldas Velhas. Ainda me lembro de um pobre lá ir tomar banho, era o único que ia ali*”. Nesta visita não se visualizou o tanque com a nascente, devido ao declive do local e à densa vegetação.

Segundo Henriques, F. (1726), o espaço não estava bem aproveitado, e “(...) *se houvera casa de Banhos, e tanque acomodado para se frequentarem, logo pelos efeitos se iria alcançando a qualidade dos minerais, e se viria em claro conhecimento das suas virtudes, seria um grande bem para todos aqueles povos (...)*”.

Cardoso, L. (1747) confirma a existência das Caldas de S. Lourenço no lugar de Pombal, embora refira que “(...) *são mais conhecidas pelo nome de Caldas de Anciães, por isso as lançamos neste lugar*”.

Através deste autor, sabemos que neste ano as Caldas tinham as duas designações, eram reconhecidas como Caldas de S. Lourenço, ou como Caldas de Ansiães. Provavelmente, a designação das Caldas como S. Lourenço teve uma influência direta do padroeiro de Pombal de Ansiães, que tem o mesmo nome.

Embora o autor refira que são mais conhecidas como Caldas de Ansiães, o que é certo é que o nome de Caldas de S. Lourenço começou a ganhar mais projeção e, posteriormente, nenhum autor voltou a designar as Caldas com o nome de Ansiães nos documentos que se conhecem até à data de publicação deste artigo.

Depois das indicações do Sr. J. M., para a localização das Caldas Velhas, no dia 5 de maio de 2021



Fig. 6 Reconstituição do tanque e da nascente das Caldas Velhas. Ilustração: Diana Canelhas (2021)

encontrou-se o local exato das mesmas (Fig. 4). Atualmente, ainda se encontra a nascente a brotar água, embora em muito menor caudal que as águas da nascente do edifício do século XVIII. As águas apresentam cheiro característico e visualmente vestígios de enxofre e sais minerais.

O tanque propriamente dito faz parte do afloramento rochoso, que provavelmente foi talhado para o efeito, assim como um conjunto de pedras em bruto que foram colocadas de forma a que a água se mantivesse. Tem 278 centímetros de comprimento do lado da nascente que fica a sudeste, 428 centímetros de largura do lado nordeste, 310 centímetros de comprimento do lado oposto da nascente que fica a noroeste e 282 centímetros de largura a sudoeste.

Encontra-se também no local uma pedra (Fig. 5), com dois orifícios redondos a níveis diferentes, que tinha a função de tapar o tanque para se encher de

água. Relativamente aos orifícios, pode idealizar-se uma teoria, já que ninguém se recorda do procedimento, nem existe nenhum registo. Parece lógico que os mesmos terão sido cinzelados com a função de serem tapados para encher o tanque, e ao retirarem o respetivo tampão escoavam a água, não sendo necessário retirar e colocar a pedra que ainda tem um peso considerável. Dos dois orifícios, um estaria junto à base do tanque para o escoar totalmente e o outro estaria a 15,5 cm da base, para que a água não transbordasse por cima da pedra (Fig. 6 e Fig. 7).

### 3.2. Caldas Novas

O padre Antônio de Moreira Seixas, Vigário de São Lourenço de Pombal, que anteriormente foi citado por Francisco da Fonseca Henriques no *Aquilégio Medicinal*, atribuindo-lhe o patrocínio da constru-

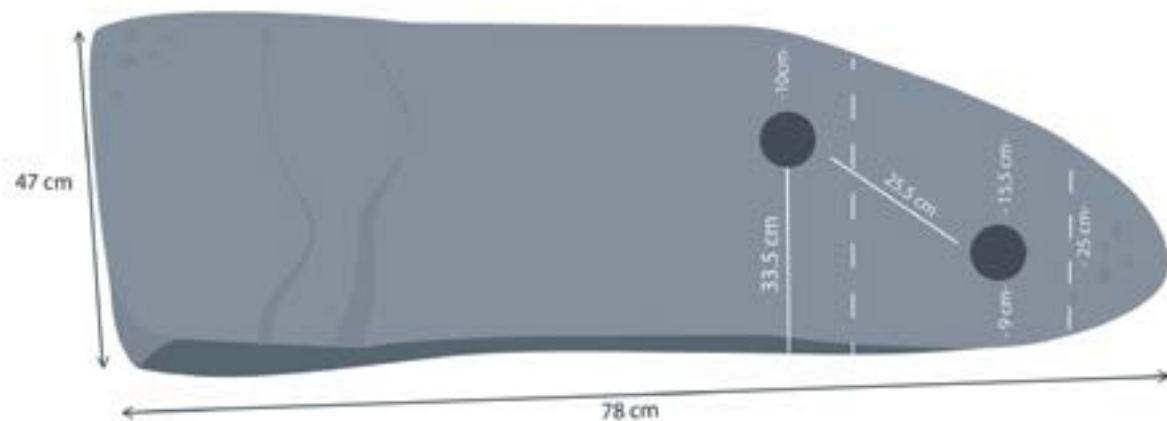


Fig. 7 Reconstituição da pedra tampão do tanque da nascente das Caldas Velhas. Ilustração: Diana Canelhas (2021)

ção de um tanque, vai descrever as Caldas de S. Lourenço nas *Memórias Paroquiais* de 1758. Refere o surgimento de outra nascente de água, “(...) e hoje se acha este manancial mudado mais para baixo, para a parte do Poente, aonde agora sai com mais abundância d’agoa em hum rochedo bem aspero com as mesmas quallidades e virtudes que dantes, tudo distancia de dois tiros de espingarda, cuja mudança fez com o Terromoto de 1755”.

Com o terramoto que ocorreu no dia 1 de novembro de 1755, cujo sismo foi o mais devastador, até à data, em território português, surgiu uma nova nascente. No entanto, a orientação pode não ser a mais correta, pois ao se ter em conta as chamadas Caldas Velhas, com o tanque modesto e de pedra tosca, como se confirma no local, a nova nascente é a do atual edifício do século XVIII (Fig. 8), pois segundo o autor, “antigamente achava-se o seu manancial em hum poço pouco fabricado e depois se mandou fazer hua capella d’abobeda com hum tanque de boma pedraria para nelle se tomarem os banhos, a que chamavam as Caldas de Sam Lourenço”. Esta nova nascente fica a nordeste das Caldas Velhas.

Supõe-se que ao brotar esta segunda nascente, passaram a ser denominadas de Caldas Novas de S. Lourenço, caindo no esquecimento as primitivas Caldas de Ansiães/S. Lourenço, que provavelmente se passaram a chamar Caldas Velhas neste período.

Nesta descrição pode deduzir-se que a “capela” abobadada e o tanque com boa pedraria, prova-

velmente, já correspondem às estruturas ainda hoje existentes (Fig. 9), não descurando as intervenções posteriores.

A designação de capela pode não ser o conceito mais adequado ao edifício do século XVIII. A arquitetura do edifício contém algumas características idênticas às capelas, pois contém uma cruz no remate na cobertura abobadada e, no seu interior, um nicho que ostenta a imagem em granito de S. Lourenço, embora a cabeça já não seja original, a encimar a fonte que jorra para o tanque através de um mascarão (Fig. 10). Do lado esquerdo, sobressai uma caixa de esmolas, toda em pedraria, que contém uma inscrição “*Esmola Misa*”. Através desta inscrição podemos deduzir que seriam esmolas para a missa, o que pode confundir ainda mais a questão de ser, ou não ser, uma capela para alguns autores.

Em relação à caixa de esmolas, entende-se que provavelmente as contribuições depositadas se destinavam ao pagamento de missas, não naquele local, mas na igreja de S. Lourenço de Pombal, ou na Capela de S. Lourenço, próxima das termas a uma cota superior. Pois no século XVIII, de acordo com Esteves, A. (2019), “as missas constituíam um mecanismo de salvaguarda das Almas e de agradecimento aos santos protetores”, e este fenómeno provavelmente aconteceu neste local.

Atualmente, na saliência da caixa de esmolas são colocadas velas, flores, entre outros objetos de devoção religiosa, estando a função original de recolha de



Fig. 8 Edifício do século XVIII denominado de Caldas Novas



Fig. 9 Interior do edifício do século XVIII

dinheiro inoperacional. Para C. F., este facto constitui uma prova de que o edifício nunca pertenceu à Igreja, “com a implementação da República Portuguesa, em 5 de outubro de 1910, o mesmo passou para a gerência da Junta de Freguesia”.

Provavelmente, o edifício foi construído baseando-se nas características de uma capela, pois é um local onde as crenças religiosas se misturam com as águas que contêm propriedades minerais que lhes conferem efeitos benéficos para a saúde. A componente religiosa é indissociável deste local, provavelmente acompanhava a maioria dos banhos, através de orações a S. Lourenço, promessas e oferendas para se tentar obter a cura pretendida. Une-se a crença religiosa, fator psicológico/espiritual, às propriedades minerais das águas, fator físico.

Henriques, F. (1726) refere que “(...) Todos os anos há grande concurso de gente a lavar-se, e tomar banho nesta água, na noite da véspera e dia de S. Lourenço, pela fé que ela tem; passam de 400 pessoas que se banham nessa noite e dia, sempre com banho novo”.

Mas olhando a todos os factos, a hipótese do edifício, em conjunto com o tanque, se denominar capela não é a mais consensual, apesar da fortíssima ligação religiosa. Podendo ser definido como um edifício termal, pois no seu interior, o seu objetivo principal é banhar os indivíduos com as águas, para assim poderem usufruir das suas propriedades.

Mas a principal razão para não se considerar este espaço como capela, segundo o Pontifical Romano, é a ausência de um altar consagrado, benzedo e a não abertura esporádica para celebração do culto. Assim como o testemunho do Sr. J. M. que recorda, “as missas eram lá em cima naquela capela, aqui não, lá em cima”, referindo-se à capela de 1839.

Existiram outros edifícios termais no Gerês, com características idênticas e que coincidem com a época. Segundo as Termas do Gerês, no século XVIII, no reinado de D. João V, foram construídos os primeiros edifícios para banhos. Os edifícios foram demolidos no início do século XX, no entanto, ficaram alguns registos fotográficos. Através de uma fotografia (Fig. 11) pode fazer-se a comparação do exterior dos edifícios termais do Gerês com o edifício de S. Lourenço, onde se observa que ambos contêm a mesma abobada piramidal. De acordo com a mesma fonte, os edifícios termais eram “tanques de granito abrigados em guaridas em pedra - Os Poços”, tendo características similares ao de S. Lourenço. Não existindo informação sobre os mestres de obra, até ao momento, pode deduzir-se que existe uma semelhança e uma forte relação entre a arquitetura dos dois espaços.

Como refere Leal, A. (1876), o edifício termal de S. Lourenço do século XVIII continha um caudal regular e “quantidade de pouco mais de uma tálha”. Também faz referência a uma pequena nascente a cerca de 300 metros que fica num silvado e com características iguais, está a referir-se às Caldas Velhas.



Fig. 10 Mascarão por onde brota a água da nascente do edifício do século XVII



Fig. 11 Gerês Antigo. Fonte: Restos de Coleção, no sítio *Termas do Gerês*



Fig. 12 Capela de S. Lourenço de 1839



Fig. 13 Antigo edifício dos banhos quentes

Alfredo Luís Lopes, em 1892, segundo o sítio da internet *O Novo Aquilégio*, vai fazer algumas afirmações que suscitam algumas dúvidas. O que pode levar a uma perceção da data de construção e da própria função do espaço termal um pouco confusa, tendo em conta outros documentos mais antigos e da época do surgimento das chamadas novas termas. Nomeadamente, por referir que o tanque foi “(...) construído numa casa que outrora foi capela (...)” e “(...) mandado fazer pelo Padre António Seixas em 1730(...)”.

Destas afirmações, e tendo por base as fontes disponíveis, deduz-se que este autor foi “beber” ao *Aquilégio Medicinal* e às *Memórias Paroquiais* de 1758. No entanto, não se entende porque afirma que existia uma capela antes da construção do edifício com o tanque. Pois o próprio padre António de Moreira Seixas faz menção à construção da “capela” e do respetivo tanque para banhos, devido à nascente estar a brotar para um poço.

No que toca à data sugerida pelo autor (1730), não se encontram outras referências à mesma, não se podendo fazer qualquer comparação possível. No entanto, esta data não parece ser muito consensual, pois foi o próprio padre António de Moreira Seixas que, além de mencionar a construção do edifício, afirma que a nascente só brotou em 1755 com o terramoto.

Alves, F., (2000), em 1934, diz que existia uma “(...) fonte chamada *Caldas de S. Lourenço*, por brotar perto da capela deste santo. São conhecidas há perto de trezentos anos, pelo menos, como eficazes em curas reumáticas”.

Abade de Baçal atribui o nome das Caldas de S. Lourenço ao facto de elas se encontrarem perto da capela construída em 1839, conforme a arquitrave inscrita (Fig. 12) “*Mandou Fazer o Vigário da Freguesia José de Almeida Neves no Ano de 1839*”, o que é comprovado pela assinatura do pároco no Registo de Batismos de 1839.

Mas esta afirmação, de que o nome das termas se deve à evocação da capela, não é a mais correta. Existem registos mais antigos à edificação da capela, nomeadamente no *Dicionário Geográfico* de 1747 do padre Luiz Cardozo, que confirma a denominação de Caldas de S. Lourenço e ao mesmo tempo de Caldas de Ansiães à primeira nascente reconhecida, a que atualmente se denomina de Caldas Velhas. Outra evidência são as estruturas das designadas Caldas Novas que são do século XVIII.

### 3.3. Banhos Frios e Quentes

Luís de Meneses Acciaiuoli, em 1942, no sítio da internet *O Novo Aquilégio*, descreve as termas como tendo dois edifícios distintos e cuja exploração es-

tava a cargo da Junta de Freguesia de Pombal de Ansiães: “(...) o balneário dos banhos frios consta de um tanque com 1,70x1,10m tendo o edifício 3,40x3,60. O outro tem 2 quartos cada um com uma banheira, uma nova esmaltada (banhos de 1ª) e outra de zinco (banhos de 3ª). À entrada há um caldeiro onde a água é aquecida”.

O primeiro balneário referido, dos banhos frios, trata-se do edifício termal com o tanque do século XVIII, com as respetivas medidas do tanque na época. No entanto, atualmente, as medidas interiores do tanque são diferentes, com 185,5 cm de comprimento, 265 cm de largura e 45 cm de altura. Provavelmente, o mesmo pode ter sido alterado estruturalmente, embora não exista qualquer registo ou testemunho desse acontecimento. Com exceção do testemunho do Sr. J. M., contando que não se lembra do ano exato em que o tanque foi remodelado, que apenas aplicaram azulejos e mosaicos, salientando que as obras foram efetuadas antes do 25 de Abril de 1974.

O segundo edifício (Fig. 13) está destinado aos banhos quentes, situa-se a uma cota inferior do edifício antigo, atualmente encontra-se em ruínas, mas ainda se observam as casas de banho viradas para o exterior, três divisões no interior, sendo que duas delas ainda contêm as banheiras e o local da caldeira.

Segundo o Sr. J. M., a sua mãe, Mariana da Conceição, era a proprietária do edifício dos banhos quentes, tendo-o recebido por herança do pai, Guilherme Augusto Trigo Malheiro. J. M. recorda-se que o edifício tinha uma banheira pequena, uma média e uma grande, o que se comprova nas estruturas ainda existentes, embora degradadas. Pode pôr-se a hipótese de que quando Acciaiuoli descreve o local em 1942, existiam apenas duas divisões para banhos e a terceira divisão provavelmente foi construída mais tarde, ou poderia já existir e ter tido outra função.

O mesmo autor (Acciaiuoli, 1942) recorda-nos de que neste ano, a Junta de Freguesia ficou com os banhos frios e os banhos quentes foram adjudicados à firma Campilho Gonçalves & C.ª. A Junta de freguesia “(...) que se considera com direitos de concessionária e adjudica anualmente a sua exploração. Em 1939, aquela entidade arrendou por 2.100\$00(...)”.

Através do patrocínio da Junta de Freguesia, procedeu-se à construção de novas estruturas em 1966, data que se encontra no lintel da porta de entrada para o átrio (Fig. 14). São efetuadas obras no espaço confinante ao antigo edifício do século XVIII, que manteve as suas características, não excluindo algumas possíveis intervenções.

Construiu-se um átrio (Fig. 15), com bancos, que serve de sala de espera e que dá acesso à entrada do edifício do século XVIII e a três novas divisões, que



Fig. 14 Inscrição relativa às obras efetuadas pela Junta de Freguesia



Fig. 15 Átrio anexo ao edifício do século XVIII



Fig. 16 Casas de banho de 1969



Fig. 17 Intervenções no edifício do século XVIII e nas estruturas de 1966 e 1969. Fotografia: João Albino Malheiro

segundo o Sr. J. M., na época, serviam para banhos, uma divisão com uma banheira, outra com duas banheiras e a terceira divisão continha o esquentador a gás. A cobrir estas novas estruturas construíram um terraço com varanda, que inclusive rodeia a abóbada do edifício antigo.

Três anos mais tarde, em 1969, a Junta de Freguesia construiu casas de banho, com uma divisão para cada sexo, a anteceder a entrada para o átrio (Fig. 16).

Estas novas estruturas feitas em 1966 e em 1969, assim como o edifício do século XVIII, foram sofrendo algumas intervenções ao longo dos anos, como pode observar na Fig. 17.

### 3.4. Estudos Médicos e Projetos

Na década de oitenta do século XX, segundo C. F., a Junta de Freguesia construiu outro balneário com divisões feitas em alvenaria, que se encontrava a uma cota inferior, a cerca de 13 metros (Fig. 18). J. M. refere que o mesmo era abastecido pela nascente do edifício do século XVIII, através de uma canalização que abastecia duas banheiras individuais e duas de casal, e mais tarde substituíram uma das banheiras de casal por uma de hidromassagem.

No ano de 1993, foi criada a Associação para o Desenvolvimento das Caldas de São Lourenço (ADCSL), tendo como objetivo promover o aproveitamento

das águas minerais e ao mesmo tempo desenvolver a localidade.

A antiga presidente da Associação, M. R., refere que “*não existiam condições de higiene e queriam fechar o tanque, porque foram feitas análises às águas do tanque e eram impróprias para banhos e para beber, mas o povo foi sempre contra o seu encerramento*”.

C. F. menciona que foi o Delegado de Saúde da época, o Doutor Luís Sá, que ao visitar o local deparou com aquela situação. De acordo com M. R. o mesmo tomou uma posição institucional, de apoio, para que aquela situação mudasse e fossem aproveitadas as águas.

Segundo C. F., formou-se a ADCSL em cooperação com a Junta de Freguesia de Pombal e a Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães. Esta última instituição procedeu à perfuração dos dois furos e à construção de um pré-fabricado junto das estruturas dos anos oitenta (Fig. 19), criando-se o Gabinete de Tratamentos ORL, para se fazer o estudo médico com as águas subterrâneas. O Gabinete estava a cargo da ADCSL que fazia a sua gestão, mas sempre em colaboração com os organismos supraindicados, inclusivamente, alguns elementos dos mesmos faziam parte dos Corpos Sociais da Associação.

O sítio da *internet O Novo Aquilégio* confirma precisamente esta informação, “*(...) inicia uma série*

*de trabalhos de novas captagens (dois furos), (...) análises periódicas, concluídas em 1993 pela então Direcção Geral de Geologia e Minas; reconhecimento das qualidades terapêuticas pela Direcção Geral de Saúde*”.

A mesma fonte refere que o médico hidrologista Ramiro Valentim, no mesmo ano de fundação da Associação, “*iniciou o acompanhamento médico dos aquistas, criando ainda um gabinete de tratamentos ORL, duche de jacto e um outro para doenças hemorroidais. As suas estadias nas Caldas prolongaram-se até 1997*”.

M. R. lembra que depois das águas legalizadas, as estruturas ficaram entregues à Junta de Freguesia de Pombal de Ansiães.

Entre 1996 e 1999, segundo o Município de Carrazeda de Ansiães, o próprio promove um estudo médico-hidrológico para obter o direito de exploração da água mineral, no entanto, este não foi concluído.

No ano de 2005, o Município de Carrazeda de Ansiães obteve a Concessão HM-55 - Caldas de S. Lourenço através da Direcção-Geral de Energia e Geologia. Segundo o n.º 7 do artigo 16.º do Decreto-Lei n.º 86/90, de 16 de março, publicado no DR - III SÉRIE N.º 54 de 17 de março de 2005, “*foi celebrado um contrato de exploração de água mineral natural a que corresponde o n.º HM-55, (...) celebrado em 20 de Janeiro de 2005 (...) Concessionário - Câmara*

*Municipal de Carrazeda de Ansiães. Área concedida - 38,2100 ha, (...) Prazo - o prazo inicial da concessão é de 50 anos, o qual será prorrogado por despacho ministerial, pelo prazo de 20 anos, desde que não se verifique falta de cumprimento das suas obrigações legais e contratuais a que se encontra vinculada*”.

Em 2011, a Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães inaugurou um balneário termal provisório (Fig. 20), para realizar um Estudo Médico-Hidrológico com a duração de três anos, com o intuito de futuramente se desenvolver um novo projeto termal. Segundo o *Jornal de Notícias*, em entrevista ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães na época, “*(...) tem capacidade para receber cerca de 80 aquistas todas as épocas*”.

Este balneário termal foi construído no mesmo local onde outrora existia o Gabinete de Tratamentos ORL de 1993, alargando-se inclusive para o espaço envolvente e utilizando as águas dos dois furos artesanais já existentes, para se fazer o segundo estudo. O *Parecer da Comissão de Avaliação do Aproveitamento Hidroelétrico de Foz Tua*, descreve que foi feita a “*(...) captação realizada através de dois furos inclinados implantados às cotas 198 e 203 m, nos quais existe forte artesianismo*”.

O pré-fabricado do Gabinete ORL de 1993, que hoje em dia ainda existe, foi deslocado para a localidade de Pombal e entregue à Associação Recreativa



Fig. 18 Balneário da década de 80. Fotografia: João Albino Malheiro



Fig. 19 Estruturas da década de 80 e pré-fabricado do Gabinete de Tratamentos ORL. Fonte: Sítio *all about Portugal*



Fig. 20 Atuais Caldas de S. Lourenço, inauguradas em 2011



Fig. 21 S. Lourenço antes da construção da barragem

e Cultural de Pombal de Ansiães (ARCPA). As estruturas da década de oitenta foram reaproveitadas e transformadas numa sala de estar e numa “casa das máquinas” que auxiliam os diferentes tratamentos no pré-fabricado.

No ano seguinte, no Diário da República n.º 88/2012, Série II de 2012-05-07, sai a Portaria 193/2012, de 7 de maio, ao abrigo do disposto no n.º 1 do artigo 27.º do Decreto-Lei n.º 86/90, de 16 de março “*Para efeitos do disposto nos artigos 42.º, 43.º e 44.º do Decreto-Lei n.º 90/90, de 16 de março, é fixado o perímetro de proteção da água mineral natural a que corresponde o número HM -55 de cadastro e a denominação de Caldas de S. Lourenço (...)*”.

Na Ata da Reunião Ordinária realizada em 9 de agosto de 2013 na Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães, com o executivo municipal, no Período da ordem do Dia, foi apresentada a proposta do projeto “*Caldas de S. Lourenço/ conclusão do processo de licenciamento termal- proposta de elaboração de um projeto para construção de um complexo termal*”, que foi aprovada por unanimidade pelos presentes.

Em fevereiro de 2014, o Estudo Médico foi aprovado, através da recolha de água proveniente dos dois furos, AC1 e AC2, e o projeto pôde avançar. A avaliação saiu no Diário da República, 2.ª série – N.º 41 – 27 de fevereiro de 2014, com o Despacho n.º 3248/2014 “*A Comissão de Avaliação Técnica propôs*

*o reconhecimento das indicações terapêuticas da água mineral das Caldas de S. Lourenço, (...) tendo a Direção-Geral da Saúde procedido ao seu reconhecimento*”.

Em 18 de outubro do mesmo ano, realizou-se a “*Conferência Termas Criativas. Um Desafio para a Inovação*”, realizada no Centro de Inovação Tecnológica INOVARURAL de Carrazeda de Ansiães (CITICA). O novo projeto para a reabilitação das Termas de São Lourenço aparece referenciado na comunicação social. Segundo Lopes G., (2014), numa entrevista ao *Mensageiro de Bragança*, o Sr. Presidente da Câmara Municipal na época, refere que “*o projeto, (...) está em fase de obtenção de pareceres com vista à sua aprovação (...)*”.

Em 2015, o projeto para o Complexo Termal sofre um revés, foi chumbado pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA), porque atinge a zona da albufeira da barragem do Tua. O Sr. Presidente da Câmara Municipal, numa entrevista ao *Jornal de Notícias*, faz menção a esta condicionante e a outra, à Reserva Ecológica Nacional (REN). Estes entraves tornaram o projeto algo difícil de resolver, tendo em conta as condicionantes que os organismos suprarreferidos lhe conferem.

Em 26 de novembro em 2016, foi feita uma apresentação do projeto do complexo termal na ARCPA,

com o tema “*Apresentação pública do projeto e das diferentes fases do processo*”.

Com esta apresentação do projeto, os problemas que impediam que o mesmo fosse aprovado foram ultrapassados. Faltando resolver as questões financeiras que seriam suportadas por possíveis investidores privados, algo que não se veio a confirmar até aos dias de hoje. É de louvar o árduo trabalho desenvolvido, que permitiu ultrapassar várias dificuldades inerentes ao projeto, ficando apenas a questão financeira por resolver.

Por notícia do *Diário de Notícias*, em 2017, ficamos a saber que o nível da água do rio Tua subiu, devido à construção da Barragem Hidroelétrica de Foz-Tua, que se iniciou em 2011. A subida modificou o leito do rio nesta zona, que outrora era selvagem e com um declive muito acentuado nas suas margens (Fig. 21 e 23).

Segundo a EDP - Gestão da Produção de Energia S. A. (2008), através do *Estudo de Impacte Ambiental*, em S. Lourenço, os solos atingidos pelo aumento da cota da água são pobres e a localidade beneficiou com o aumento do nível base da água nas captações, não existindo impactos muito significativos nos recursos hidrominerais, embora o clima seja também afetado.

Em 24 de fevereiro de 2017, é assinada uma segunda adenda ao contrato original na qual se estabelece

uma revisão dos encargos de exploração de forma a obter a sua atualização.

No mesmo ano, o balneário termal de cariz temporário está em funcionamento e segundo a Base de Contratos Públicos *Online*, é estabelecido um Contrato de Prestação de Serviços em regime de Avença da Direção Clínica das Caldas de S. Lourenço, entre o Município de Carrazeda de Ansiães e a Silmed – Serviços Médicos Lda com um valor de 40 493,88 €.

Este balneário com a designação de “*provisório*”, tendo em conta a realização de um Estudo Médico-Hidrológico, que como se constatou foi aprovado, ainda se mantém em funcionamento até aos dias de hoje (2021), pois o projeto do Complexo Termal não teve investidores e acabou por não avançar.

Em 26 de abril de 2021, segundo o jornal *Diário Luso-Galaico*, o Município de Carrazeda de Ansiães, cujo Sr. Presidente da Câmara Municipal é João Manuel dos Santos Lopes Gonçalves, informa que o antigo balneário termal de S. Lourenço, do século XVIII, vai ser reabilitado, provendo-lhe melhores condições de higiene e de utilização por parte dos banhistas, assim como o acrescento de informação sobre o local para preservar a memória enquanto património imaterial.

De entre a diversidade de falhas activas, destacam-se as seguintes:  
 Falha Manteigas-Vilariça-Bragança (1),  
 Falha Nazaré-Pombal (2),  
 Falha do Vale Inferior do Tejo (3),  
 Falha de Messejana (4) e a  
 Falha do Alqueva (5).



Fig. 22 Destaque de algumas falhas activas. Fonte: Adaptado do Núcleo de Protecção Civil - Sismicidade em Portugal



Fig. 23 Miradouro de São Lourenço, depois da construção da barragem

#### 4. As Nascentes

As termas de S. Lourenço, segundo Espinha, J. et al. (2003), localizam-se na Zona Centro-Ibérica e têm o seu enquadramento tectónico entre a Falha de Bragança-Vilariça-Manteigas e a Falha de Penacova-Régua-Verin, com sistemas de descontinuidades NE-SW e NW-SE (Fig. 22). Destacam-se as falhas com orientação NNE-SSW, paralelas às duas estruturas tectónicas de maiores dimensões, referidas anteriormente e à provável falha do vale do rio Tua com orientação ENE-WSW.

Informa-nos a Direção-Geral de Energia e Geologia que o afloramento de S. Lourenço contém essencialmente “*rochas graníticas sin-orogénicas, representadas por uma unidade de granito de duas micas, com tendência porfiróide, de grão médio a grosseiro e uma unidade de quartzodiorito e tonalito. A SW aflora ainda uma pequena mancha de meta-*

*grauvaques e filitos do Complexo Xisto-Grauváquico de idade Neoproterozóico-Câmbrico*”.

O mesmo organismo diz que “*(...) a camada superficial de granito alterado constitui um sistema aquífero descontínuo, de espessura muito variável, que funciona quer como aquífero poroso, quer como aquífero, dependendo do grau de arenização local da rocha graniaca (...) Subjacente a esta camada de alteração surge o maciço graniaco fraturado, com permeabilidade fissural variável consoante o grau de fraturação local*”.

Como já abordado neste artigo, existem duas nascentes naturais ditas principais, cujo seu manancial ainda hoje é abundante, nomeadamente a nascente das Caldas Velhas e a nascente das Caldas Novas. Nas imediações das atuais Termas de S. Lourenço existem algumas pequenas nascentes onde se podem observar vários escorrimentos sulfurosos. Destaca-se, a cerca de trinta metros do edifício termal do século





Fig. 24 Nascente de água potável



Fig. 25 Reservatório de água denominado de Mãe-d'água



Fig. 26 Calçada de S. Lourenço



Fig. 27 Antiga estação ferroviária de S. Lourenço

XVIII, a NE, uma pequena nascente que jorra para um reservatório rudimentar.

O senhor J. M. refere que, mais a baixo da Nascente das Caldas Velhas, “existiam mais três pequenas nascentes perto da linha do comboio, uma de água fria, outra de água quente como a de S. Lourenço e outra férrea”. O mesmo ouviu falar, a pessoas mais antigas, que existia outra nascente nas “alminhas”, ao pé de um cruzeiro, mas que agora se encontra inativa. No lado direito do rio Tua, no concelho de Alijó, conheceu um indivíduo que ia banhar-se numa nascente muito próxima à cota do nível da água, e quando o nível da água subiu, devido à construção da barragem, essa nascente ficou submersa.

Além deste testemunho, de quem vivenciou ao longo da sua vida o movimento e os acontecimentos nas termas, existem alguns autores que referem outras reminiscências de nascentes e confirmam as que o Sr. J. M. referiu, como é o caso de Barreiro (1947), no sítio da *internet O Novo Aquilégio*, fez a seguinte descrição: “(...) há pouco acima da linha-férrea, duas nascentes a pequena distância uma da outra, uma termo sulfúrea e a outra de águas férreas, e, algumas dezenas de metros acima, num local de muito difícil acesso designado por Caldas Velhas(...)”.

O autor Almeida (1970), no mesmo sítio da *internet*, salienta que “as nascentes são numerosas (...) duas surgências de água sulfúrea tépida dum e

do outro lado do pequeno arroio. (...) Balneário é o único praticamente utilizado (...) o caudal é notável, desprende-se um forte cheiro sulfúrico (...) Caldas Velhas estão praticamente abandonadas. São um conjunto de nascentes, com as mesmas características, de que apenas algum doente mais pobre às vezes se utiliza. Junto à linha-férrea, correm, ainda perdidos, alguns pequenos fios de água sulfurosa sem qualquer aplicação”.

Existe uma nascente que fornece a localidade de S. Lourenço com água potável, através de uma rede de água (Fig. 24). Segundo J. M., a Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães construiu as canalizações e os reservatórios em 1967/68. A nascente tem o apoio de um reservatório de água principal, chamado de “mãe-d'água” (Fig. 25), feito em betão armado e com dois respiros. Foi construído para fazer face à afluência de pessoas, porque a nascente não tinha capacidade para satisfazer o abastecimento de água por si só, para o efeito, o Município abastecia este depósito com um tanque de transporte. Quando o número de indivíduos que frequentava as termas decresceu, foi colocado um pequeno reservatório de água, feito de fibra de vidro, que ainda é abastecido quando necessário. Entre a Nascente e o reservatório mãe-d'água, existem dois pequenos reservatórios feitos de betão armado, que faziam a ligação entre os dois pontos mais importantes.

Para se ter uma ideia da localização das nascentes com propriedades minerais ativas e inativas, e o sistema que faz o abastecimento de água potável que tem origem numa nascente, fez-se a respetiva marcação dos locais através do Google Earth Pro (Fig. 28).

## 5. Propriedades e Tratamentos

Segundo o Município de Carrazeda de Ansiães, as Caldas de S. Lourenço têm indicações terapêuticas que vão ao encontro de doenças do aparelho respiratório, reumáticas e músculo-esqueléticas. As suas principais composições são Bicarbonatada Sódica e Sulfúrea, com uma temperatura de emergência de 34,4°C, no furo AC1 34,2°C e no furo AC2 34,4°C. As águas destes dois furos são analisadas pelo Laboratório de Análises Físico-Químicas do Centro Tecnológico de Gestão Ambiental (CTGA), cujos boletins de ensaios correspondem ao N.º 20.3083, N.º 20.3141 e N.º 20.2104.

Como refere Oliveira, A., et al. (2012), recorrendo à tabela polos hidrominerais da Região de Trás-os-Montes e Alto Douro, a tipologia hidroquímica é composta por bicarbonatada, sódica, sulfúrea, fluoretada e alcalina.

Desde o século XVIII, datação que remete para o registo mais antigo, a *Coreografia Portuguesa*, as

águas deste local já eram reconhecidas pelas suas propriedades curativas para várias doenças e em particular para a sarna.

Nas *Memórias Paroquiais* de 1721 referem-se à afluência das termas “(...) por cujo respeito concorre a ella gente de varias partes a lavar-se em suas agoas para remedio de muitos achaques, em que experimentam muitas melhoras (...)”.

É notória a afluência de grande número de pessoas a estas termas, com o intuito de se curarem das mais variadas doenças, como se pode comprovar no *Aquilégio Medicinal* de 1726 “tomam banhos em todo o tempo do ano, e servem para curar debilidades de nervos, e juntas tolhidas (...) São também eficacissimas estes banhos a curar sarnas, chagas antigas, e lepra (...) Todos os anos há grande concurso de gente a lavar-se, (...) passam de 400 pessoas (...)”.

Atualmente, as termas de S. Lourenço estão em funcionamento nos balneários “temporários”, inaugurados em 2011, e são explorados pela Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães, dispondo de vários equipamentos e profissionais para auxílio no diagnóstico e acompanhamento aos pacientes em vários tratamentos com diferentes técnicas.

Ferreira, S., Vieira, T., (2016), dizem que as termas facultam “banhos de imersão simples, banhos com bolha de ar, banho com duche subaquático, banho de hidromassagem simples, duche escocês (jato ou



Fig. 28 Nascentes. Fonte: Adaptado de Google Earth Pro

crivo), duche circular, duche-massagem (tipo "Vichy") vapor parcial (membros), vapor parcial (coluna); irrigação nasal, pulverização orofaríngea, nebulização orofaríngea; aerossol simples. Programas médicos e programas de bem-estar, Programas de curta duração (com consulta médica prévia)".

Além dos Tratamentos Clássicos, cujos aquistas têm de ser acompanhados por um médico hidrologista, também existem Tratamentos de Bem-estar, para os quais apenas têm de se inscrever.

Segundo o Regulamento Interno do Balneário Termal das Caldas de S. Lourenço (2009), o balneário termal funciona durante quatro meses, de junho a setembro, com horário da parte manhã das 08 h 00 às 13 h 00 e da parte de tarde das 15 h 00 às 20 h 00.

De acordo com o Diretor Clínico, o Dr. António Jorge Santos Silva, através do seu Relatório Clínico das Termas de S. Lourenço de 2019, foram realizados

Tratamentos Clássicos a 113 utentes, em média o tratamento teve a durabilidade de doze dias, sendo o sexo feminino o que mais frequentou os tratamentos, estando a faixa etária predominante entre os 65 e os 74 anos de idade.

Nos programas de curta duração, relativos aos tratamentos de Bem-estar, inscreveram-se 209 banhistas, em média predomina mais uma vez o sexo feminino, na faixa etária entre os 35 e os 44 anos.

O Relatório Clínico das Termas de S. Lourenço de 2020 não foi tido em conta como ponto de referência, ao não se enquadrar como um registo de frequência "normal" das termas, devido às restrições impostas pelo governo, como consequência da COVID-19 que é uma doença provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2. No entanto, neste ano, no Tratamento Clássico inscreveram-se 39 aquistas e no Tratamento de Bem-estar 102 aquistas.

## 6. Testemunhos de Vivências do Passado

Através dos três testemunhos recolhidos em 16, 23 e 24 de junho e 02 de julho de 2021, conseguiu-se compreender a importância que as Caldas tiveram no contexto da formação da Aldeia de S. Lourenço e perceber o que levou ao declínio e ao respetivo abandono desta localidade.

Como já abordado neste artigo, as Caldas de S. Lourenço tiveram origem numa primeira nascente cujo registo mais antigo até ao momento data de 1706. Desta nascente existe uma lenda que passou de geração em geração e que explica a descoberta do poder curativo desta nascente. F. T. conta que ouviu do seu avô que "havia um proprietário no Pombal que tinha um cavalo que estava leproso, e como tinha um aspeto muito repelente, resolveu trazê-lo ali (...) para o lá abandonar (...), passado uns tempos (...) veio ver se o cavalo tinha morrido (...), o cavalo comeu da erva que nascia de cima da nascente, bebeu a água quando lhe apetecia e tomava banho e tudo, quando o dono lá chegou estava com a pele luzidia, curado! Foi um milagre, e depois chegou à aldeia muito espantado daquilo que viu e fez a sua propaganda (...). Então tudo começou a ir ali se tinham um gato com tinha ou um cão com sarna (...) e depois daí começou também a virem pessoas (...), fizeram um charco e ali vinham usar as águas (...). Primeiro foram aquelas por isso ficaram toda a vida as Caldas Velhas (...)"

A aldeia formou-se em volta da nova nascente, que brotou em 1755, com o propósito de frequentarem as termas, o que provavelmente levou a um investimento por parte de privados e da administração local na criação de estruturas e serviços para satisfazer as necessidades dos banhistas.

Deslocavam-se de diversos lugares do território do norte de Portugal para se banharem no verão e depois da época das vindimas. De acordo com F. T. o acesso às Caldas era feito através de um caminho vicinal denominado de Calçada de S. Lourenço (Fig. 26) que fazia a ligação a Pombal de Ansiães. Os indivíduos que se deslocavam de pontos distantes percorriam este caminho de cavalo ou de jumento, somente os indivíduos das localidades mais próximas, como Pombal de Ansiães, se deslocavam a pé.

Outra forma de acesso era através do comboio, principalmente indivíduos do concelho de Mirandela. A estação ferroviária de S. Lourenço (Fig. 27) fazia parte da linha do Tua, segundo Pereira, H. (2017), o início da construção da linha procedeu-se em 1884 e culminou com a inauguração da linha do Tua em 1887, que correspondia ao troço entre a estação ferroviária do Tua, que também fazia a ligação indireta para a linha do Douro devido à bitola usada nas duas linhas ser diferente, e a estação de Mirandela. Atualmente, a estação de S. Lourenço encontra-se desativada devido à construção da Barragem Hidroelétrica de Foz-Tua.

Só mais tarde se fez a Estrada Municipal 628. Recorda F. T., "eu fui em 1954 para Moçambique e ainda não havia aqui estrada para o S. Lourenço, foi feita depois", e segundo C. F., "a estrada foi feita na década de 60".

Nos anos 60 do século XX, a localidade de S. Lourenço foi alvo de algumas intervenções importantes por parte da Câmara Municipal, além da construção da estrada, segundo J. M., em 1963, foi feita a eletrificação para abastecer a rede pública e as edificações, assim como a canalização de água potável em 1967/68.

A rede da água abastece as edificações privadas, as casas de banhos feitas em 1969, que se encontram encerradas, dois fontanários em diferentes pontos da localidade, que atualmente se encontram inoperacionais (Fig. 29), e as estruturas do balneário termal que se encontram em funcionamento.

Relativamente à utilização das estruturas termais, diz-nos J. M. que os banhistas usufruíam de banhos quentes e banhos frios. Pernoitavam na aldeia durante um período de tempo para atingirem um determinado número de banhos, F. T. refere que "vinhamos para aqui nove dias, doze dias, ou quinze, conforme, porque os velhotes queriam tomar uma novena de banhos, (...) sem isso não passavam bem o inverno".

Para o efeito, alugavam quartos e casas, recordando F. T. que ao alugarem os quartos tinham direito ao acesso a uma sala e cozinha comum, porém, tinham de trazer os seus pertences pessoais, utensílios para as refeições, roupa e mudas de cama, porque nos quartos apenas tinham um colchão.

Na localidade existiram alguns negócios e serviços, que foram aparecendo e desaparecendo com o passar



Fig. 29 Fontanário



Fig. 30 Forno de cozer pão



Fig. 31 Interior do forno de cozer pão



Fig. 32 Antigo edifício de hospedagem com salão, quarto e cozinha

do tempo. Construíram-se pensões que serviam refeições, tabernas, lagar de vinho, mercearias, chicheiro, que segundo J. M. “*vinham cá indivíduos cortar a carne, chamados chicheiros noutros tempos*”. E tinham acesso a correio que vinha duas vezes por dia no comboio, numa carruagem chamada de ambulância, telefone, vendedores ambulantes como peixeiros e vendedores de fruta.

O local também era abastecido de pão. J. M. diz que existiam quatro fornos na localidade. Por outro lado, F. T. recorda que “*havia sempre uma senhora que alugava o forno, (...) havia cá um forno comunitário, cozia cá o pão e cá o vendia (...)*”. De facto, existe uma edificação para este fim, já em ruínas, feita de alvenaria granítica, que no seu interior contém um forno de média dimensão (Fig. 30 e Fig. 31). Numa casa de habitação, encontra-se outro forno de pequenas dimensões, para uso familiar.

Na vida quotidiana de quem frequentava as termas o ócio fazia parte do dia a dia desta localidade, F. T. relata “*de tarde, havia ali uma grande acácia e todas as senhoras se sentavam a fazer os seus trabalhos manuais, umas faziam croché, outras faziam na meia e os homens à sombra na mesma árvore jogavam às cartas, à noite era igual (...) no salão da casa que habitavam, porque quase todos os quartos, como a gente chamava, tinham uma sala de estar e cozinha era comum (...)*”.

Também havia “bailaricos” ao som de acordeão, viola, violão, grafonolas que se realizavam na aldeia. Conta

J. M. que chegaram a formar-se três “*bailaricos*”, devido à grande quantidade de pessoas. Numa das casas, existia um salão para os bailes e outras atividades, que foi construído pelo seu avô, o Sr. Guilhermino Augusto Trigo Malheiro, e ainda tinha um quarto e uma cozinha (Fig. 32). Os rapazes deslocavam-se a S. Lourenço para dançarem com as raparigas que vinham acompanhar os avós e tomarem conta dos mesmos, e dos bailes surgiam namoros que inclusive mais tarde, diz F. T., resultaram em dois casamentos. A devoção religiosa também acompanhava o quotidiano dos indivíduos que frequentavam as Caldas, ao utilizarem a capela de S. Lourenço de 1839. F. T. refere que rezavam o terço todos os dias no mês de outubro, que é o mês do rosário, depois da ceia<sup>6</sup>.

J. M. explica como as termas funcionavam nessa altura: “*às tantas horas de manhã iam para o tanque, guardavam a vez, para banhos frios, problemas de pele, principalmente e a quem tivesse problemas de ossos, pernas ou braços partidos, depois de estarem curados vinham para aqui (...) e então eles a partir de uns certos banhos sentiam-se melhor*”. Relativamente aos banhos quentes, eram destinados só para doenças do foro reumático, funcionavam através do aquecimento da água numa caldeira aquecida a lenha. Os utentes

6. Como explica a senhora Flora Teixeira, na década de 30-50 do século XX, ao jantar chamavam-lhe ceia.

depois dos banhos “*iam para a cama, então estavam uma hora ou duas, transpiravam primeiro tiravam a roupa e mudavam-na, transpiravam a segunda tornavam a mudar de roupa, chegava a última e terceira tiram a roupa e depois aí punham a roupa a enxugar*”.

Para se aproveitarem os banhos frios, que tinham muita afluência na primeira metade do século XX, por norma entravam para o tanque famílias completas, miúdos e graúdos do núcleo familiar. Nesta época as casas disponíveis estavam todas ocupadas e fazia-se uma grande fila de espera devido à afluência. Segundo F. T. “*(...) havia duas ou três famílias do Pombal, que no verão, mudavam para aqui a sua residência, subalugavam as casas (...) mediante uma percentagem (...)*”, a grande maioria dos proprietários das casas nesta época provinha de Pombal de Ansiães, com exceção de uma casa cuja proprietária era de São Mamede de Ribatua.

Os benefícios que estas águas facultam são comprovados por F. T. que sofria de reumatismo e teve uma crise muito forte, tendo sido os banhos quentes destas águas que a melhoraram, “*vim a cavalo, porque a pé não podia vir e vim mesmo sem pôr o pé no chão (...) no primeiro banho tiveram de me levar ao colo, no segundo dia só já me empararam e no terceiro já não foi preciso, as águas eram ultramilagrosas (...)*”.

Hoje em dia F. T. ainda frequenta as Caldas de S. Lourenço, mas com o acompanhamento médico nas estruturas criadas pela Câmara Municipal de Carra-

zeda de Ansiães. Os tratamentos para F. T. são “*(...) eficientes, o pessoal é todo muito simpático, tem certos tratamentos que têm que fazer massagens, (...) eu gosto muito, há um tratamento que chamam o Vichy, depois de tomar banho na banheira hidráulica, depois vai-se para a plataforma ser massagada (...) é do que eu gosto mais*”.

Existe um pormenor muito interessante relativamente aos cuidados necessários a ter em conta, com adereços de prata e imitações de ouro. Caso estes materiais entrem em contacto com as águas da nascente ficam negros, diz F. T., só o ouro verdadeiro é que não se alterava, “*aí é que ficavam a saber se a joia era verdadeira ou falsa*”.

Relativamente aos motivos para a aldeia de S. Lourenço ter sido abandonada, segundo J. M. foram muitos, “*os donos construíram as casas só para eles virem cá passar as férias, depois deixaram de vir, entregaram as casas a pessoas que quisessem tomar conta delas a uma certa percentagem (...) antes do 25 de abril tinha aí umas casas de banho para homens e para senhoras, fecharam-nas, quando tive a taberna ali aberta as pessoas ainda se lá iam servir, depois não tinha rendimento nenhum, fechei*”.

Já F. T. tem uma perspetiva idêntica, “*antigamente usavam-se as termas como cura e também como diversão (...) agora viraram para as praias e para as termas só vão mesmo aquelas pessoas com receita médica*”.

que precisam mesmo delas, ninguém vem para aqui para se distrair (...).”

O Sr. João Malheiro, além da entrevista, escreveu um poema da sua autoria que se encaixa perfeitamente no tema do artigo, com o título “S. Lourenço”:

“O São Lourenço é uma imagem  
Que se deve contemplar  
Venham visitar as águas  
Para se puderem curar.

Muitas pessoas tem curado  
Seja pobre, seja rico  
Ao fim se divertiam  
Indo para o bailarico  
(...)

Vamos aos tempos antigos  
Ainda é da minha lembrança,  
Ver todas as casas cheias  
Do meu tempo de criança.

Andei no colo de muita gente  
Vejam bem que alegria,  
Vou sair daqui para fora,  
Por já cá não ter companhia  
(...).”

## 7. Conclusões

As Caldas de S. Lourenço foram alvo de um interesse por parte das classes mais abastadas, provavelmente no final do século XVIII até ao século XX, contribuindo para formação da localidade de S. Lourenço, com o intuito dos mesmos usufruírem das águas com propriedades minerais para tratamentos ou de bem-estar.

A história deste local foi construída aos poucos, iniciou-se com um simples tanque de pedra tosca que acabou por cair no esquecimento por ter surgido outra nascente. A nova nascente brotou devido à ação da natureza, as chamadas Caldas Novas, onde se procedeu à construção de um edifício capaz de corresponder às necessidades dos banhistas da época, o que permitiu desenvolver uma localidade para o aproveitamento das termas, embora sazonalmente pois maioritariamente eram veranistas.

O progressivo abandono das Caldas e da própria localidade teve vários motivos, destacando-se três: o desinteresse por parte dos proprietários das edificações, pois o que foi novidade deixou de o ser, com o aparecimento de outros destinos, bens e serviços no setor do turismo e lazer, que provavelmente se tornaram mais atrativos, considerando-se este o principal motivo; a utilização, *grosso modo*, das Caldas sazonalmente, o que leva ao abandono da localidade durante grande parte do ano, dependendo da vontade e das necessidades dos indivíduos em regressar ao local, aliando a desertificação do interior do território português com a pouca oferta de empregabilidade; a dificuldade da autarquia local em implementar projetos de média/grande escala, apesar dos esforços através do investimento em estruturas provisórias para Estudos Médicos, capacitadas com equipamentos adequados para tratamentos e bem-estar que depois não encontram um investimento para estruturas permanentes.

Além dos Estudos Médicos, dos Projetos e do funcionamento das estruturas termais, a autarquia continua a cuidar da localidade através da manutenção dos espaços públicos, obras nos arruamentos, e está prevista a recuperação do edifício termal do século XVIII e das restantes estruturas de apoio. A nível turístico, criou uma pequena rota, denominada de PRICRZ - Trilho de S. Lourenço, um percurso com 12 km e com uma duração estimada em quatro horas e que passa na localidade, assim como o Miradouro de S. Lourenço, que permite observar a localidade e o Vale do Tua.

É de salientar a força e a persistência do povo, perante a tentativa das autoridades competentes fecharem o tanque da nascente do edifício do século XVIII, devido às análises que consideraram as águas da nascente impróprias, assim como as condições de higiene. O que é certo é que a população continua a usufruir das águas da nascente, e segundo os três entrevistados, as águas sempre foram boas e curaram vários indivíduos de diferentes maleitas.

## Agradecimentos

Ana Cristina Martins Pereira; Carlos Manuel Fernandes; Diana Dionísio Canelhas; Fernanda de Jesus Caires Cardoso Neto Gouveia; Flora do Sacramento de Carvalho Teixeira; João Albino Malheiro; Maria Emília Fonseca Ribeiro; Mónica Filipa Seixas Santos; Ricardo Jorge Benoit Saavedra.

## Referências Bibliográficas

All about Portugal, “*Termas de São Lourenço*”, acessado em 13-07-2021 em: <https://www.allaboutportugal.pt/pt/carrazedade-ansiaes/bem-estar/termas-de-sao-lourenco>.

ALVES, F., (2000), “*Memórias Arqueológico - Históricas do Distrito de Bragança: Arqueologia, Etnografia e Arte*”, Câmara Municipal de Bragança/ Instituto Português de Museus – Museu do Abade de Baçal, Tomo IX, pág. 98.

Base: Contratos Públicos Online (04-09-2017), “*Prestação de Serviços em Regime de Avença: Direção Clínica das Caldas de S. Lourenço*”, acessado em 29-04-2021 em: <http://www.base.gov.pt/Base/pt/Pesquisa/Contrato?a=3647649>.

BERNARDO, J., LOURENÇO C., LOURENÇO C. (2019), *Hidrogenoma: Uma Nova Visão Estratégica para as Águas Minerais Naturais*, Direção-Geral de Energia e Geologia, Lisboa, pág. 140, acessado em 29-04-2021 em: [https://www.dgeg.gov.pt/media/qjlp-phdr/publica%C3%A7%C3%A3o\\_dsrhg\\_livro\\_hidrogenoma\\_2019\\_final\\_site.pdf](https://www.dgeg.gov.pt/media/qjlp-phdr/publica%C3%A7%C3%A3o_dsrhg_livro_hidrogenoma_2019_final_site.pdf).

CAPELA, J., BORRALHEIRO, R., MATOS, H., OLIVEIRA, C., (2007), *As freguesias do distrito de Bragança nas Memórias Paroquiais de 1758: memórias, história e património*, Braga, Barbosa & Xavier Artes Gráficas, ponto 23, pág. 369.

CARDOSO, L. (1747), *Diccionario Geografico: ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas / que escreve, e offerece ao muito alto... Rey D. João V nosso senhor o P. Luiz Cardoso, da Congregação do Oratorio de Lisboa....*, Lisboa, Regia Officina Sylvianna, e da Academia Real, I tomo, 2.º vol., pág. 470.

CARVALHO, P., et al. coordenadores (2017) *Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua - Aproveitamento hidroelétrico de Foz Tua*, III volume, capítulo 18 de Fabíola Franco Pires e Fernando Cerqueira Barros, Edições Afrontamento Lda., Porto, pág. 282.

COSTA, A. (1706), “*Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica*”, Lisboa, Valentim da Costa Deslandes, tomo I, pág. 437, acessado em 10-05-2021 em Biblioteca Nacional de Portugal em: <https://purl.pt/434/4/>.

Diário da República n.º 88/2012, Série II de 2012-05-07, Ministérios da Economia e do Emprego e da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território - Gabinetes dos Secretários de Estado da Energia e do Ambiente e do Ordenamento do Território, Portaria n.º 193/2012, acessado em 22-04-2021 em: [https://dre.pt/web/guest/pesquisa-avancada/-/asearch/753814/details/maximized?p\\_auth=3oztFkDs&serie=II&search=Pesquisar&ano=2012&perPage=100&types=DR](https://dre.pt/web/guest/pesquisa-avancada/-/asearch/753814/details/maximized?p_auth=3oztFkDs&serie=II&search=Pesquisar&ano=2012&perPage=100&types=DR).

Diário da República, 2.ª série — N.º 41 — 27 de fevereiro de 2014, Gabinete do Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Saúde, Despacho n.º 3248/2014, 18 de fevereiro de 2014. — O Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Saúde, Fernando Serra Leal da Costa, acessado em 16-04-2021 em: <https://dre.pt/application/conteudo/742937>.

Diário da República — III SÉRIE N.º 54 — 17 de Março de 2005, Ministério das Actividades Económicas e do Trabalho, Direcção-Geral de Geologia e Energia, Extracto do contrato de exploração, Para efeitos do n.º 7 do artigo 16.º do Decreto-Lei n.º 86/90, de 16 de Março. Pág. 5830.

*Diario Luso-Galaico* - O xornal que mellor une Galicia e Portugal (2021) “*Carrazedade investe 1,5M€ na criação de estruturas e serviços de apoio à atividade turística*”, acessado em 30-04-2021 em: <https://diarioluso-galaico.com/2021/04/26/carrazedade-investe-15me-na-criacao-de-estruturas-e-servicos-de-apoio-a-atividade-turistica/>.

Direção-Geral de Energia e Geologia, “*Concessão: HM-55 - Caldas de S. Lourenço, Termalismo*”, acessado em 21-04-2021 em: <https://hidrogenoma.javali.pt/agua-mineral-natural/caldas-de-s-lourenco>.

EDP- Gestão da Produção de Energia S. A. (2008), APROVEITAMENTO HIDROELÉTRICO DE FOZ

TUA – Estudo de Impacte Ambiental, Resumo Não Técnico, PROFICO AMBIENTE, acessado em 14-04-2021 em: <https://www.edp.com/pt-pt/aproveitamento-hidroelectrico-foz-tua-estudo-de-impacte-ambiental-2>.

ESPINHA, J. et al. (2003) *Nascente termal do Poço Quente (Granjão–Caldas do Moledo, Norte de Portugal): morfoestrutura, geoquímica e hidrogeologia*, Cadernos Lab. Xeolóxico de Laxe, Coruña, vol. 28, pp. 147-172, acessado em 29-04-2021 em: <https://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/6557/CA-28-7.pdf>.

ESTEVES, A., (2019) *Homens Instituições e Políticas: séculos XVI-XX, Coleção Paisagens, Património & Território*, Braga; Guimarães: Lab2Pt, pág. 122, acessado a 29-04-2021 em: [https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/27089/1/lab2pt\\_homens\\_Institui%C3%A7%C3%B5es\\_pol%C3%ADticas\\_11.pdf](https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/27089/1/lab2pt_homens_Institui%C3%A7%C3%B5es_pol%C3%ADticas_11.pdf).

FERREIRA, S., VIEIRA, T., Coordenadores (2016) *Termas – Norte de Portugal, Turismo do Porto e Norte de Portugal*, pg. 19-21. Acessado em 15-04-2021 em: [http://www.portoenorte.pt/fotos/guias/termas\\_norte\\_de\\_portugal\\_7602395945cf7ea3fe01b1.pdf](http://www.portoenorte.pt/fotos/guias/termas_norte_de_portugal_7602395945cf7ea3fe01b1.pdf).

HENRIQUES, F., (1726) *Aquilegio Medicinal, Capítulo I. Das Caldas, ponto XVI Caldas de Aniciaes*, Lisboa Occidental : Na Oficina da Musica, Pg. 33-35.

*Jornal de Notícias* (2015) “*Carrazeda de Ansiães: Ambiente chumba termas de São Lourenço em Carrazeda de Ansiães*”, acessado em 22-04-2021 em: <https://www.jn.pt/local/noticias/braganca/carrazeda-de-ansiaes/ambiente-chumba-termas-de-sao-lourenco-em-carrazeda-de-ansiaes-4407770.html>.

LEAL, A. (1876) *Portugal Antigo e Moderno – Dicionário*, Vol. VII, Edição Mattos Moreira & companhia, Lisboa, Pág. 128. Acessado em 14-05-2021 em: [https://archive.org/details/gri\\_33125005925827/page/n133/mode/2up?view=theater](https://archive.org/details/gri_33125005925827/page/n133/mode/2up?view=theater).

LOPES G., (2014) “*Carrazeda de Ansiães: Novo balneário termal das Caldas de S. Lourenço vai custar 2,5 milhões de euros*”, Mensageiro de Bragança, acessado em 22-04-2021 em: <https://www.mdb.pt/index.php/noticia/novo-balneario-termal-das->

[caldas-de-s-lourenco-vai-custar-25-milhoes-de-euros](https://www.mdb.pt/index.php/noticia/novo-balneario-termal-das-caldas-de-s-lourenco-vai-custar-25-milhoes-de-euros).

LUSA, *Diário de Notícias* (2017) “*Barragem do Tua já encheu para testes e começa a produção em agosto*”, acessado em 14-04-2021 em: <https://www.dn.pt/sociedade/barragem-do-tua-ja-encheu-para-testes-e-comeca-a-producao-em-agosto-5673299.html>.

MEDEIROS, L., CAVACO, C. (2008) “*Turismo de Saúde E Bem-Estar: Termas, SPAS Termais e Talassoterapia*”, Coleção Estudos e Documentos 15, CEPCEP – Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa, Pág. 27, 29-30, acessado em 29-04-2021 em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/30776>.

MORAIS, J., MAGALHÃES, A., (1985) *Memórias de Ansiães*, Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães, Bragança, 1.ª Edição impressa a partir do manuscrito de 1721 existente na Torre do Tombo, Ponto 46, pág. 38.

Município de Carrazeda de Ansiães, “*Atas 2013 - Ata de 9 de agosto*”, acessado em 22-04-2021 em: [https://www.cm-carrazedadeansiaes.pt/pages/168?folders\\_list\\_16\\_folder\\_id=97](https://www.cm-carrazedadeansiaes.pt/pages/168?folders_list_16_folder_id=97).

Núcleo de Protecção Civil, “*Catástrofes Naturais – Sismicidade em Portugal*”, acessado em 17-05-2021 em: <https://sites.google.com/site/nucleodeprotec-caocivil/catastrofes-naturais/sismos>.

NEVES, J., (1839) “*Registo de Batizados: Paróquia de Pombal, Arquivo Distrital de Bragança*”, acessado em 11-05-2021 em: <https://digitalq.adbhc.arquivos.pt/viewer?id=1196627>.

OLIVEIRA, S., et al. (2012) *Águas minerais de Trás-os-Montes e Alto Douro (NE de Portugal): sistematização e aproveitamentos*, Imprensa da Universidade de Coimbra, acessado em 13-04-2021 em: [https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/31478/1/42-Para\\_conhecer\\_a\\_Terra\\_artigo.pdf?ln=pt-pt](https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/31478/1/42-Para_conhecer_a_Terra_artigo.pdf?ln=pt-pt).

O Novo Aquilégio, “*Caldas de S. Lourenço*”, acessado em 21-04-2021, em: [http://www.aguas.ics.ulisboa.pt/braganca\\_slourenco.html](http://www.aguas.ics.ulisboa.pt/braganca_slourenco.html).

*Parecer da Comissão de Avaliação do Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz Tua, Comissão de Avaliação–Agência Portuguesa do Ambiente*, pág. 7.

PATRÍCIA, B., Boletim de Ensaio N.º 20.3083, Laboratório de Análises Físico-Químicas do Centro Tecnológico de Gestão Ambiental (CTGA), Coimbra, 21 de Julho de 2020.

PATRÍCIA, B., Boletim de Ensaio N.º 20.3141, Laboratório de Análises Físico-Químicas do Centro Tecnológico de Gestão Ambiental (CTGA), Coimbra, 21 de Julho de 2020.

PATRÍCIA, B., Boletim de Ensaio N.º 20.2104, Laboratório de Análises Físico-Químicas do Centro Tecnológico de Gestão Ambiental (CTGA), Coimbra, 08 de Julho de 2020.

PEREIRA, H. (2017) *Passado, presente e futuro da mobilidade no vale do Tua: (séculos XIX a XXI)*, Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia (CIUHCT), Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, pág. 13.

Pontifical Romano, “*Dedicação da igreja e do altar*”, reformado por decreto do concílio ecuménico vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o Papa Paulo VI, Conferência Episcopal Portuguesa, acessado em 16-04-2021 em: [https://www.liturgia.pt/pontificais/Dedicacao\\_Igreja\\_Altar.pdf](https://www.liturgia.pt/pontificais/Dedicacao_Igreja_Altar.pdf).

Rádio Brigantia, (2016) “*Autarca de Carrazeda de Ansiães garante que novo projecto das Termas de S. Lourenço vai avançar*”, acessado em 27-04-2021 em: <https://www.brigantia.pt/noticia/autarca-de-carrazeda-de-ansiaes-garante-que-novo-projecto-das-termas-de-s-lourenco-vai>.

Regulamento Interno do Balneário Termal das Caldas de S. Lourenço, Aprovado em rRunião da Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães em 14-05-2009, Artigo nº 17, acessado em 13-05-2021 em: [https://www.cm-carrazedadeansiaes.pt/cm-carrazedadeansiaes/uploads/document/file/1305/Regulamento\\_interno\\_do\\_balnea\\_rio\\_termal\\_das\\_Caldas\\_de\\_S\\_Lourenc\\_o.pdf](https://www.cm-carrazedadeansiaes.pt/cm-carrazedadeansiaes/uploads/document/file/1305/Regulamento_interno_do_balnea_rio_termal_das_Caldas_de_S_Lourenc_o.pdf).

SILVA, A. (2019) *Relatório Clínico: Termas de S. Lourenço*, Época Termal de 2019.

SILVA, A. (2020) *Relatório Clínico: Termas de S. Lourenço*, Época Termal de 2020.

Termas do Gerês, “*Era Uma Vez...*”, acessado em 17-05-2021 em: <https://www.termasdogeres.pt/historia-das-termas.html>.

## Fontes Orais



**Código QR.** Aponte o seu telemóvel com uma aplicação que permita leituras de códigos QR e veja o depoimento da Sr.ª Flora do Sacramento de Carvalho Teixeira sobre as Caldas de S. Lourenço.



**Código QR.** Aponte o seu telemóvel com uma aplicação que permita leituras de códigos QR e veja o depoimento do Sr. João Albino Malheiro sobre as Caldas de S. Lourenço.